



A identidade e a cultura da fronteira noroeste gaúcha nas ondas do rádio¹

Elenise de Oliveira Carneiro²

Fernando Vieira Goettens³

Vera Lucia Spacil Raddatz

UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este texto é resultado dos estudos e da pesquisa de campo do “Projeto Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio”, desenvolvido pelo Curso de Comunicação Social da Unijuí. Discute a importância do caráter social da comunicação no resgate da memória do rádio regional e sua influência na formação da cultura e da identidade na região da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina. O registro da história do rádio, além de resgatar boa parte da memória regional, compreende o processo de desenvolvimento da região e as práticas socioculturais estabelecidas entre argentinos e brasileiros. O repertório cultural de um povo pode ser influenciado pelo que informam e tocam as ondas do rádio. A programação das emissoras reflete as características culturais da região onde as rádios estão inseridas e articula e evidencia elementos da cultura e da identidade fronteiriça.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; memória; rádio; fronteira.

INTRODUÇÃO

Pensar a comunicação e a questão da memória e da identidade, a partir de um veículo de comunicação como o rádio, instiga a pesquisa e a observação do cotidiano, à medida que o rádio faz parte do dia a dia da vida das comunidades e tem uma influência na formação das identidades delas.

Pelas observações que fizemos, de modo geral, não há nenhuma preocupação em preservar a história das emissoras. Guarda-se pouca coisa ou quase nada, e de forma aleatória, o que torna a memória do rádio fragmentada e muitas vezes reduzida aos depoimentos de profissionais, em muitos casos, já aposentados.

Por meio da pesquisa de Iniciação Científica no “Projeto Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio” desenvolvemos o subprojeto Memória do Rádio

¹ Trabalho apresentado ao IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Acadêmica de Jornalismo da UNIJUI; Bolsista de Iniciação Científica Pibic-Unijuí; e-mail: elenisecarneiro@gmail.com

³ Acadêmico de Jornalismo da Unijuí; Bolsista de Iniciação Científica Pibic-CNPq; e-mail:fernandogoettens@gmail.com



Regional, com o intuito de oferecer uma contribuição à sociedade. Ao mesmo tempo em que compreendemos as técnicas de pesquisa científica, estamos produzindo um material que se constituirá num documento sobre essas emissoras e a cultura local. É uma tarefa de recortar e juntar partes fragmentadas para formar um todo que tenha sentido e significado para o contexto. Estabelece-se assim o caráter social da comunicação, por meio de uma ação de pesquisa.

Hoje vivemos numa sociedade em que as identidades não são mais fixas, mas móveis e fragmentadas em múltiplas identidades. Mas, paradoxalmente, sentimos necessidade de reconhecer nossas origens, não como forma de resistência, mas como um comportamento natural resultante do próprio processo. Desse modo, preservar a memória vem ao encontro de uma necessidade histórica, que nasce do coletivo, porque de certa forma, tudo o que buscamos para registro está presente de uma maneira ou de outra nos costumes, na linguagem, na música e na cultura local, difundido na programação das emissoras de rádio. Por isso é tão importante pensarmos esses aspectos a partir de um meio de comunicação que, pela sua função, tem narrado os fatos do cotidiano de forma contínua pela oralidade.

A oralidade também se dissipa no ar. As palavras quando ditas uma vez podem ser repetidas, mas nunca o serão do mesmo modo. Pelo recurso da oralidade vamos reconstituir histórias sobre a história do rádio e da formação das comunidades da região da Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul, limites com a Argentina. E isso, gera outro aspecto dentro de nossa observação. Não é apenas a história comum de todos os dias, mas a história de proximidade com outro povo, outra nação e outra cultura: a Argentina.

O CARÁTER SOCIAL DA COMUNICAÇÃO

Acreditamos que o caráter social da comunicação está presente na pesquisa que realizamos, relacionando-o com a importância do resgate da memória do rádio regional e sua influência na formação da cultura e da identidade em determinadas regiões.

A comunicação faz parte do nosso dia-a-dia, a linguagem verbal é uma habilidade natural dos homens, o uso dessa linguagem, que parece algo simples, é conduzido por normas de caráter social. Isso pode ser evidenciado até em mecanismos que consideramos comuns, senão sociais, como solicitar algo, agradecer a uma pessoa por um favor, pedir desculpas, etc. ou até mesmo na maneira como agimos ao



respondermos ou indagarmos sobre algum assunto, ou seja, a forma de nos comportar frente aos acontecimentos diários.

Podemos perceber que em nossos diálogos enfrentamos diversos recursos controlados por convenções sociais, provando que o uso socialmente exitoso da linguagem, vai do conhecimento até o respeito dessas convenções, que são compartilhadas por uma determinada comunidade de fala. Logo, podemos acompanhar os diferenciais culturais que existem no modo de utilizar os processos comunicativos de uma mesma comunidade lingüística. E isso se reflete na relação com o rádio e o resgate da memória de um povo, pois assim, como no contexto do caráter social, são visíveis as diferenças e aproximações de duas nações, pelas suas características culturais e sociais, já que cada uma tem seus traços, marcas e definições construídas pela história, pela colonização e lutas. Assim, ao resgatarmos a memória do rádio, entendemos também, o processo de desenvolvimento de uma região e as práticas socioculturais estabelecidas entre os povos.

Para inserir-se nesse contexto de caráter social, a comunicação tende a usar suas ferramentas para chegar ao ambiente em que estão situadas as diferentes convenções sociais, já que cada pessoa mantém um comportamento e está sujeita a determinados princípios, valores ou normas, pois pertence à determinada época, sociedade, classe, tribo, enfim, a um determinado meio de convivência com outras pessoas. Assim, a comunicação social ganha destaque, uma vez que busca dar visibilidade e credibilidade ao tempo em que articula e mobiliza os seus diversos públicos, mas depara-se com o que já é estabelecido pela sociedade, pelos costumes do lugar em que está inserida, criando assim novas possibilidades que podem vir a sugerir novas normas, mas sem modificar as existentes. Nesta sujeição do indivíduo a normas estabelecidas pela comunidade se manifesta claramente o caráter social, que se liga à comunicação, pois diz respeito tanto ao comportamento de indivíduos quanto de grupos sociais humanos, cujas ações têm um caráter coletivo, mas deliberado, livre e consciente.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Para pesquisar e identificar o que é uma identidade fronteiriça, primeiramente, devemos refletir sobre o sujeito nos dias de hoje, como se caracteriza a identidade nacional, e como a globalização afetou a forma de nos relacionarmos.



Na pós-modernidade a identidade de um sujeito não é única, é algo mais complexo, e uma melhor caracterização, são os sujeitos fragmentados, constituídos de diversos elementos de diversas culturas, identidades múltiplas em um mesmo sujeito.

Essa fragmentação de identidade em um único sujeito pode ser explicada por diferentes fatores, ou melhor, várias idéias de homem desenvolvidas ao longo da história por teóricos das mais variadas áreas. Hall (2005), em seu livro a “Identidade Cultural na pós modernidade”, expõe essas diversas idéias, sendo que, a primeira foi proposta por Darwin em contraposição aos ideais do Iluminismo, de homem cartesiano, único e dotado de razão. Após as pesquisas de Darwin, passa-se a um sujeito mais fragmentado.

Ainda segundo Hall (2005), uma segunda teorização é a do filósofo Karl Marx que tem a concepção de um sujeito histórico, que recebia uma herança cultural, econômica e política de outras gerações. É impossível, nessa concepção, um sujeito centrado, racional, único. O mesmo autor diz ainda que também Freud mudou as concepções humanas a partir de seus estudos psicanalíticos, em que o sujeito não é centrado e regido pela razão, pois possui o inconsciente, lugar no qual se manifestam os desejos. Parafraseando Freud, podemos ter uma melhor noção de como o sujeito não é único, pois o inconsciente mostra que o Eu não é dono de nada, nem em sua própria casa. Hall (2005) continua seu raciocínio explicando que o lingüista Ferdinand Saussure em sua obra salienta que os sujeitos ao expressarem sua língua, expressam também os significados construídos ao longo do tempo.

Nessa sequência de idéias citadas por Hall (2005), Foucault também está presente e baseia-se em um novo tipo de poder na sociedade: o poder disciplinar, contido nas mais diversas instituições modernas, como escola, quartéis, empresas, hospitais, etc. Esse poder, segundo o teórico, consiste em manter a vida dos indivíduos sob estrito controle.

O comportamento, a partir dos anos 60 do século XX, também foi responsável por mudanças na concepção de sujeito e identidade, através das revoluções feministas e juvenis, principalmente. Outro fator, que igualmente merece destaque na caracterização da identidade, é a globalização e seus efeitos na vida moderna. O termo refere-se à integração de culturas, conexão e integração de comunidades, formando novas lógicas sociais.

Para o pesquisador Inglês Stuart Hall (2005), isso significa uma desconstrução da noção de espaço-tempo dos sujeitos, o que mudou significativamente a vida em



sociedade, referindo-se às interações através do “mercado global de estilos, lugares, pelas imagens da mídia, e pelos sistemas de comunicação” (HALL, 2005, p. 75). O que o autor discute, é que os lugares permanecem como estão, é neles que as raízes são constituídas, porém, esse espaço pode ser cruzado facilmente, o que ele chama de destruição do espaço através do tempo.

Esse pensamento vai ao encontro às idéias de Bauman (2005), que chama nossa era de modernidade líquida, na qual os sujeitos constituem-se de fragmentos de diversas culturas locais e globais, formando uma espécie de mosaico, que constitui uma identidade em constante mudança. “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma ‘comunidade de ideias’ e princípios (BAUMAN, 2005, p. 18-19).

IDENTIDADE FRONTEIRIÇA

Para caracterizar a identidade fronteiriça precisamos entender a identidade de uma nação, já que a pesquisa refere-se à fronteira Brasil-Argentina, tratando-se de duas nações e suas culturas, que, ora se fundem para formar a chamada identidade fronteiriça. Como pontua Hall (2005) as culturas nacionais são um sistema de representação, além de político, cultural, onde as pessoas participam de uma idéia de nação. “Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. (HALL, 2005, p. 49). Ou ainda, “Uma cultura nacional é um discurso (...) A identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada” (HALL, 2005 p. 51). Isso ocorre através de narrativas orais, na literatura, na música, no cinema, no teatro, nos veículos de comunicação, em símbolos, em rituais, de geração em geração.

Portanto, a identidade fronteiriça corresponde, também, aos argumentos de Bauman (2005), no que tange a hibridização de duas ou diversas culturas diferentes, criando e recriando novas lógicas culturais e sociais. No caso da fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul com a Argentina, muitos ‘hábitos’ culturais se desenvolveram, tanto na expressão, com a hibridização das línguas, o chamado Portunhol, quanto no gosto musical. Essa região gaúcha é fortemente influenciada, também pela cultura e música alemã como se pode observar no grande número de bandas de baile, que tocam em ritmo germânico. Então, a partir dessa influência, comunidades argentinas da fronteira também passaram a apreciar e pedir nas rádios as músicas desse estilo.



Na região onde desenvolvemos a pesquisa, o rádio tem um poder de penetração muito forte e importante na constituição das identidades locais, principalmente por ser um lugar em que ocorrem influências no comportamento dos sujeitos e na cultura local, inclusive do outro país, no caso a Argentina.

Para entendermos a identidade nessa região de fronteira, primeiramente, desenvolvemos o resgate da história através da memória radiofônica, com visitas às emissoras, entrevistas, análise de documentos, fotos, vídeos e arquivos de áudio. Aliado a isso, existe a necessidade e a importância de compreender como o rádio influencia, levando suas características de mobilidade, penetração e velocidade, por exemplo, no espaço de fronteira e, como ele marca seu espaço no ambiente onde está inserido.

Para tal tarefa, a pesquisa de campo é o método norteador da primeira etapa de pesquisa, constituindo-se como base para a principal fundamentação em torno da identidade fronteiriça: os sujeitos. É através das entrevistas, do resgate histórico, principalmente, que surgem os elementos norteadores da análise. Dessa forma, resgatar a memória do rádio constitui-se num resgate a história de todos os sujeitos e das regiões em destaque nessa pesquisa. Como alerta Jaques LeGoff (2006) na obra *História e Memória*. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado e servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. (p. 470)

Identificamos a identidade fronteiriça partindo de uma reflexão sobre como se integram e convivem povos de nações distintas, mas em relação de proximidade geográfica como acontece na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina. Conforme Raddatz (2009, p.77-78) “é na convivência natural de dois universos culturais que reside um dos aspectos das identidades fronteiriças, ou seja, a aceitação do outro, do estranho, como algo que integra a sua própria cultura”. Argentinos e gaúchos circulam pelo mesmo espaço físico e estabelecem relações de ordem econômica, cultural e social quotidianamente. E, nesse movimento, aquilo que é próprio do lugar se enraíza de modo definitivo em determinada cultura e passa a ser marca dela. Assim acontece na região da fronteira com as questões locais. O local ali compreende dois universos, o das marcas culturais gaúchas, com sotaque germânico, e o argentino, com suas características próprias.

Cabe observar nesse processo, por meio dessa pesquisa, como o rádio se insere nesse espaço e como incide sobre a cultura fronteiriça.



CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO FRONTEIRAS

O Projeto “Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio” tem como objetivo analisar como se constrói a identidade na região de fronteira e de que maneira o veículo rádio influencia nesse processo. Por meio do subprojeto “Memória do rádio regional” desenvolvido pelos bolsistas CNPq e PIBIC, é feito o registro das emissoras de rádio situadas na faixa geográfica do Rio Grande do Sul – fronteira com a Argentina, na região Noroeste do Estado.

Para isso, está sendo realizado o resgate da memória do rádio nos municípios que compõem a região da fronteira Noroeste com a Argentina, para identificar de que forma as emissoras atuaram ao longo dos anos e como elas influenciaram o modo de vida dos sujeitos.

O Projeto “Fronteiras” iniciou no ano de 2008 na região da Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial do RS que abrange um total de 31 municípios, porém nem todos possuem emissoras de rádio, enquanto que os maiores, como Ijuí e Santa Rosa possuem mais de uma emissora, tanto AM, quanto FM.

Durante todo o ano de 2008 e 2009 foram coletadas entrevistas, documentos e imagens relativas às emissoras de rádio, profissionais e programas, os quais foram organizados em forma de texto para compor um livro em fase de elaboração. Esse trabalho tem continuidade em 2010, quando deverá ser concluído. Durante esse período, a coleta de dados foi realizada por uma Bolsista Pibic-Unijuí e por um bolsista Pibic-CNPq, que somou-se à pesquisa a partir do segundo semestre de 2009. O trabalho é lento e exige viagens pela região de abrangência da pesquisa, o que acarreta algumas dificuldades, principalmente de ordem econômica, no que diz respeito aos custos de deslocamento, já que a pesquisa não tem financiamento de nenhum programa para este tipo de despesa. Aproveita-se então, o transporte institucional para esse fim, adaptando-se às disponibilidades.

O andamento da pesquisa revela que há também algumas dificuldades quanto ao material a ser coletado, principalmente, no que se refere a programas, documentos, que guardam a história de cada emissora. Como as rádios não costumam manter um acervo que possa ser consultado, a pesquisa se utiliza mais de depoimentos e entrevistas, ou seja, constitui-se a partir da história oral. Esses recursos normalmente norteiam a maioria das pesquisas do gênero e enfrentam problemas quanto à documentação, pois o único documento, às vezes, provém da memória do entrevistado, o que acaba



duplicando o trabalho, porque é preciso ouvir mais pessoas para proceder a checagem dos dados.

De qualquer maneira, como as rádios não costumam guardar sua memória, este Projeto se insere de tal forma na vida das comunidades que, se integra a elas, na medida em que o conjunto de pessoas que conhecem a história das emissoras começam a contribuir para esse registro.

Ressaltamos a partir disso a função que a universidade cumpre na região por ser uma instituição que impulsiona o desenvolvimento regional e também o Curso de Comunicação Social, porque dentro de um contexto está exercendo uma comunicação que colabora com a sociedade em que está inserida.

METODOLOGIA

Essa pesquisa tem caráter qualitativo e a metodologia utilizada está amparada na Sociologia Compreensiva, desenvolvida por Michel Maffesoli. O método, baseado na compreensão do cotidiano, permite ao pesquisador atuar como repórter na investigação do seu objeto, o que lhe dá abertura e liberdade para trabalhar com a pesquisa de caráter social, usando técnicas diversas, de acordo com a realidade observada, que vão desde as entrevistas estruturadas até as abertas, observação in loco, análise de conteúdo, etc.

O “Projeto Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio” tem como princípio em sua metodologia a visão de uma comunicação de caráter social porque se insere na vida das comunidades e investiga para contribuir, buscando resultados que a partir da socialização dos conhecimentos contribui para o bem público, principalmente no que diz respeito ao subprojeto “Memória do rádio regional”, em que a história das rádios pesquisadas e, conseqüentemente dos municípios onde elas estão inseridas e as pessoas que construíram essa história, serão retratados.

O primeiro passo contempla a pesquisa bibliográfica em arquivos públicos e particulares, museus e imprensa escrita e sonora. Em seguida são realizadas visitas às emissoras de rádio das regiões em estudo. A partir das visitas, são organizados os dados coletados através de documentos, observação da programação, e entrevistas abertas e semi-estruturadas com pessoas que participaram da construção da história das emissoras de rádio, como profissionais, proprietários, ouvintes e patrocinadores; também com radialistas que fizeram ou fazem parte das emissoras pesquisadas. O último passo consiste na socialização dos resultados objetos em seminários, simpósios, jornadas de pesquisa e artigos científicos. A partir da realização de todos os passos



metodológicos pretende-se coletar material suficiente para futura produção de um livro e um cd-documentário sobre o tema pesquisado.

RESULTADOS OBTIDOS

Quanto aos dados coletados nesta pesquisa, até o momento já foram pesquisadas vinte e uma rádios. No município de Ijuí: Rádio Repórter AM, Rádio Progresso AM, Rádio Jornal da Manhã AM, Rádio Unijuí FM, Rádio Antena 1 (hoje Fraternidade) FM e Rádio Mundial FM. Em Santa Rosa: Rádio Lidorsom FM, Rádio Santa Rosa AM, Rádio Noroeste AM, Rádio Guairá AM e Rádio FEMA. Em Santo Cristo, a Rádio Regional AM e Rádio Acesa FM. Em Panambi: Rádio Sorriso FM e Rádio Sulbrasileira AM. Em Três Passos: Rádio Colonial AM. Em Catuípe: Rádio Águas Claras AM. Em Porto Lucena: Rádio Navegantes AM. Em Campina das Missões: Rádio Ativa FM. Em Tuparendi: Mauá FM. Em Horizontina e Tucunduva: Olinda FM.

A região noroeste do Estado compreende um conjunto de cidades fronteiriças, que se caracterizam peculiarmente, no que diz respeito à cultura. Nessa grande região, ela revela-se, entre outros elementos, por influências históricas e sociais das nações vizinhas, no caso a Argentina. Os meios de comunicação, especialmente o rádio, têm uma importância muito grande como um canal que influencia essa cultura e essa identidade fronteiriça. “O rádio em regiões fronteiriças é um elemento ativo desse processo porque cria, por meio de suas pautas, suas músicas e programas as representações mais diversas desse universo” (RADDATZ, 2009, p. 78).

Os dados coletados até o momento evidenciam a história de diversas emissoras, e de seus respectivos municípios, dentre elas uma das emissoras mais antigas do interior do Rio Grande do Sul, a Rádio Santa Rosa AM, do município de Santa Rosa. Fundada em 10 de junho de 1950, idealizada por uma associação de mais de vinte pessoas da comunidade santa-rosense. Passou a operar então, a emissora que se destaca pelo incentivo ao desenvolvimento regional. A abrangência da emissora compreende a Região da grande Santa Rosa, contemplando mais de vinte municípios, chegando até a Argentina. Conforme explicou o diretor da emissora, Roberto Antônio Donadel (2009), que assumiu a rádio em 1965, seus 250 watts de potência nas primeiras décadas, era considerado algo fantástico.

A Rádio Santa Rosa caracteriza-se pelo perfil comunitário, muitas vezes levando sua programação para os bairros ou para a praça principal do município, além de ajudar instituições e divulgar os artistas da música regional. Assim como a Rádio Santa Rosa, a



grande maioria das emissoras pesquisadas tem um perfil de atuação muito estreito com a comunidade onde estão inseridas, sendo um importante irradiador de informação, idéias, música e diversão para seus ouvintes. Há uma troca constante de inserções e participações de ouvintes argentinos nas rádios brasileiras, por meio de recados e edições musicais. É visível, por exemplo, também a influência da música de origem germânica, as bandinhas no repertório das rádios argentinas, bem como do idioma espanhol misturado ao nosso nos programas de emissoras brasileiras. Essa troca ocorre de modo híbrido e espontâneo e está incorporada à cultura local dessa região de fronteira.

As normas de caráter social que acompanham a identidade de um povo estão inseridas no repertório cultural, que pode ser influenciado pelo que informam e tocam as ondas do rádio. O que é claramente percebido na programação das emissoras, pois reflete as peculiaridades culturais da região onde são articuladas, evidenciando elementos da cultura e da identidade fronteiriça, integrando assim, povos e nações, e reconhecendo novas expressões das identidades que se manifestam pela linguagem, pela música e relações de vizinhança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio historicamente foi e ainda é, um veículo de comunicação muito importante e com um grande poder de penetração, principalmente em regiões como a Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com cidades pequenas, em sua maioria, agrárias. Pois, nesse ambiente, o veículo consolidou-se como o principal divulgador de informações da cultura local, além de, em muitos municípios, principalmente os mais próximos à fronteira, também foi um dos responsáveis por fazer a ligação entre duas culturas nacionais, no caso Brasil-Argentina.

Realizar a pesquisa referente à influência do rádio na constituição da identidade fronteiriça, bem como, o resgate da memória do rádio na região, representa um rica experiência de como a comunicação pode ser importante para os sujeitos e como um veículo se faz presente no cotidiano de uma comunidade e na forma como as pessoas se relacionam.

Ao longo do tempo as emissoras que compõem a radiodifusão nessa região de fronteira, foram responsáveis por registrar e disseminar a história de suas comunidades, porém, muitas rádios não documentaram a sua própria história, que está presente, em sua maioria, na experiência de vida de colaboradores e ouvintes, sem uma reflexão



formal. Por isso, pesquisar e documentar a memória do rádio regional, aliado à análise da questão da identidade, torna-se importante para que não se perca a história, as experiências de vida. Além disso, disponibilizar essas memórias representa a possibilidade de exercer o caráter social da comunicação, por meio de um projeto de pesquisa.

E em se tratando de pesquisas acadêmicas na área da comunicação social, o Projeto “Fronteiras” contribui para analisar as dinâmicas sociais, a influência do veículo de comunicação rádio no cotidiano das pessoas, além de proporcionar um conhecimento histórico de um “estilo” de fazer rádio em uma região fronteiriça.

Pesquisar essa região do Estado do Rio Grande do Sul na fronteira com a Argentina tem nos permitido conhecer o contexto geográfico em que se situam as emissoras e todas as relações culturais e sociais que envolvem esse contexto. A integração entre os povos da fronteira, as trocas culturais, os contatos pela língua, os entrelaçamentos sociais produzem não uma nova cultura, mas uma cultura e uma identidade fronteiriça própria apenas deste lugar. E o rádio, no decorrer da história, tem se mostrado um grande articulador desse processo, pois reproduz diariamente as representações ali criadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista de Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

DONADEL, Roberto Antonio. *Entrevista pessoal*. Santa Rosa: Rádio Liderson, 2009

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Edição. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DpeA, 2005. 104 pág.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora UNICAMP, 2006, 541 p.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Rádio de fronteira**: da cultura local ao espaço global. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009